

Como desmascarar as informações falsas sobre covid-19, as vacinas e as máscaras, Scientific American - Resumo por André Biernath

Como desmascarar as informações falsas sobre covid-19, as vacinas e as máscaras, Scientific American

Kathleen Hall Jamieson, Scientific American, “How to Debunk Misinformation about COVID, Vaccines and Masks”:

<https://www.scientificamerican.com/article/how-to-debunk-misinformation-about-covid-vaccines-and-masks/>

O texto foi escrito por Kathleen Jall Jamieson, que é diretor do Centro Annenberg de Políticas Públicas da Universidade da Pensilvânia, nos Estados Unidos, e co-fundador do FactCheck.org, um site americano que verifica informações divulgadas por veículos de imprensa e nas mídias sociais.

Ele tem como tema principal o desafio de levar informações cientificamente validadas para grupos resistentes ou hesitantes às ações que ajudam a prevenir a covid-19, como o uso de máscaras ou as doses de vacina.

Jamieson lembra que, por mais importantes que sejam figuras como os médicos Anthony Fauci, do Centro de Controle e Prevenção de Doenças dos Estados Unidos, e Sanjay Gupta, que trabalha na CNN, eles não estão sempre disponíveis para contribuir e dar voz aos argumentos científicos. Isso acontece especialmente durante reuniões familiares ou discussões nos grupos de WhatsApp.

O mesmo pode ser dito sobre especialistas aqui no Brasil que se notabilizaram nos últimos meses por levarem informação científica atualizada ao público: Átila Iamarino, Drauzio Varella, Natália Pasternak e Margareth Dalcolmo, por exemplo, fazem um trabalho incrível e imprescindível, mas a contribuição sozinha deles não é suficiente para que as mensagens de cuidado e prevenção cheguem efetivamente a todos os grupos e estratos sociais.

O autor também lembra que, por mais que as redes sociais tenham sistemas para coibir a desinformação e o compartilhamento de informações falsas, esses mecanismos apenas enxugam gelo: vídeos, textos e imagens manipulados ou cheios de erros continuam a circular, apesar de todos os esforços e empreendimentos que tentam barra-los a todo o momento.

Para ajudar com esse desafio enorme, Jamieson levanta nove recomendações que todos podem (e devem) lançar mão:

1. Encontre links e referências que realmente importam: vai falar sobre as evidências científicas sobre a importância de usar máscaras? Ou pretende escrever sobre os ingredientes que compõem uma vacina? Então use no seu conteúdo links, hiperlinks e outras formas de apresentar sites de instituições respeitadas e que contenham informações claras e de fácil acesso a todos. Isso dá mais peso à reportagem ou ao post de redes sociais. Um exemplo ótimo (em inglês) são as páginas do Centro de Controle e Prevenção de Doenças dos Estados Unidos, que explicam muito bem os motivos que os fazem orientar o uso de máscaras no atual momento.
2. Lembre-se sempre que a ciência é o campo das verdades provisórias: um estudo nunca será a revelação da verdade absoluta. Na melhor das hipóteses, ele será uma

atualização sobre o status de conhecimento sobre determinado assunto. E isso é muito importante no atual momento, em que as informações sobre o coronavírus e a covid-19 são modificadas em tempo real, conforme as pesquisas avançam. As máscaras são, de novo, um belíssimo exemplo disso: no início da pandemia, as instituições nacionais e internacionais contra-indicavam seu uso, pela falta de dados sobre a efetividade da medida e até por um medo de que não haveria material suficiente para profissionais de saúde e outros que estava na linha de frente. Com o passar do tempo, entendeu-se que ela poderia funcionar como uma barreira de modo a diminuir os riscos de uma infecção. Nós, jornalistas, temos um enorme desafio de comunicar as incertezas da ciência e deixar claro em nossas reportagens de como essa é uma área em constante mudança (e não há problema nenhum nessa “metamorfose ambulante”).

3. Aposte nas normas e no bom exemplo: se a recomendação das autoridades em saúde pública é se vacinar e ficar em casa, reportagens que abordem isso de maneira positiva e propositiva são essenciais. Não adianta só ficar mostrando o lado errado, os fura-filas das vacinas e as festas clandestinas. Isso dá uma sensação de que ninguém está seguindo as regras (quando esses casos são minoria). O bom exemplo também deve partir do próprio jornalismo. Repórteres e entrevistados devem, então, manter o distanciamento, usar máscaras e ajudar a espalhar as medidas indicadas pelas instituições.
4. “Despolitize” a ciência: nos últimos meses, a “desobediência” a alguns comportamentos indicados (como, mais uma vez, o uso de máscara) acabou ficando marcado como um meio de afirmação de alguns grupos e correntes políticas. Mas é preciso ter em mente que o vírus não escolhe as pessoas segundo suas crenças mundanas ou religiosas. Por

mais que as políticas científicas sejam importantes, elas precisam ser seguidas independentemente da corrente ideológica do grupo que está no poder em determinado momento.

5. Respire antes de compartilhar: muitas vezes nós vemos conteúdos absurdos no Facebook, no Twitter e no Instagram e a nossa primeira reação é “curtir” ou compartilhar, mesmo que seja com uma mensagem crítica a respeito daquele conteúdo falso. Mas esse tipo de comportamento só ajuda a espalhar e legitimar ainda mais essas informações falsas. Uma curtida que seja já sinaliza aos nossos contatos e seguidores (e até aos algoritmos que comandam a plataforma) que há um respaldo naquilo, mesmo quando a nossa intenção é justamente contrária.

6. Determine objetivos realistas: há um rol de motivações e explicações para todas as pessoas que ignoram as medidas preventivas, como as máscaras e a vacinação. Isso vai desde aqueles que fazem isso conscientemente, por apoiarem alguns políticos ou correntes ideológicas, até aqueles que simplesmente não têm informação suficiente ou percepção de risco. Dependendo do grau de ativismo e hesitação, há um tipo de abordagem que pode ser feita no sentido de tentar convencer esses grupos e mostrar como as instituições fazem certas recomendações de acordo com a melhor evidência científica disponível até o atual momento.

7. Foque na comunidade: quando tratamos a pandemia em âmbito global, nacional ou estadual, as informações ficam muito distantes da realidade das pessoas. Uma boa estratégia, então, é mostrar como as atitudes preventivas impactam a comunidade, o

bairro, a rua. Ao usar máscaras, por exemplo, eu protejo o farmacêutico da esquina, o agente de saúde que visita as casas, o idoso que mora ao lado de minha casa. Com isso, trazemos rostos e situações conhecidas que permitem convencer e justificar muito melhor certas necessidades do momento.

8. Pense na imunidade comunitária: nos últimos tempos, falou-se muito de imunidade de rebanho, ou quando um país ou uma região estarão livres do coronavírus. Mas, novamente, é mais simples e factível pensar em grupos menores, como cidades ou bairros. Ao vacinar uma porcentagem significativa de certo local, todos os moradores estarão (e se sentirão) mais protegidos.